

A LOGISTICA ATRAVÉS DO TEMPO

Ten.-Cel. SENNA CAMPOS

Não nos move o desejo de ocupar as atenções, com longa exposição sobre a Logística e a sua concepção atual. Procura-se em traços largos situá-la, através dos tempos, e focalizar as tendências de chefes militares, em aplicá-la, no proveito das campanhas que empreenderam.

E com isso, bem definir a importância da Logística nas guerras modernas e a sua posição, de mãos dadas com a estratégia e a tática.*

I — DEFINIÇÕES E CONCEITOS

Temos ouvido, por várias vezes, definições e conceitos sobre "Logística", o que poderá tornar-se enfadonho o repeti-los; mas, a necessidade de se gravar nos espíritos de todos, a importância capital desse problema, leva-nos a insistir, para que a sedimentação se processe em camadas regulares e bem dispostas, capazes de suportar uma organização que já se esboça, em meio às contraditas e sujeita a correntes variadas, seja na direção, seja na potencialidade.

O que é indispensável é que todos se convençam, à luz dos fatos irrefragáveis, que a época das improvisações e da exploração sistemática dos recursos locais, já está para a margem e qualquer luta só poderá ter êxito certo, quando apoiada convenientemente, no espaço e no tempo, por uma organização perfeita e por soma de recursos compatível com o objetivo que se tem em vista.

Das definições, escolhemos duas que bem expressam a idéia presente:

"Logística — é o ramo das atividades militares que trata da

produção, aquisição, armazenamento, transporte, distribuição, manutenção, tratamento de homens e animais, evacuação do pessoal, dos suprimentos e do equipamento; do recrutamento, classificação, designação, recomplementamento, bem-estar e exclusão do pessoal; das transmissões e da correspondência, dos meios necessários aos órgãos militares, inclusive construção e funcionamento.

A Logística compreende o planejamento e a execução."

O texto acima poderá ser substituído pela definição clara e simplista:

"A Logística compreende todas as atividades militares, não consideradas como táticas ou estratégicas."

O General Eisenhower disse: — "A Logística é quem controla todas as campanhas e impõe seus limites a muitas delas."

O Almirante King declara: — "Independentemente de todos os outros aspectos, a guerra atual é, para os EE. UU. antes de tudo, uma guerra logística."

O General Marshall manifestou-se certa vez, dizendo: "As necessidades da Logística raras vezes são bem compreendidas. Raramente se aprecia a grande responsabilidade que jogam sobre as autoridades militares."

É ainda o Gen. Eisenhower quem diz ser "o apoio logístico comparável a um pedaço de elástico, que quanto mais se estica mais se adelaça, até alcançar um ponto perigoso, depois do qual pode se partir, deixando no ar a força que susten-

tava. E o perigo potencial é tanto maior quanto mais grosso fôr o elástico."

Se pedissemos a um correspondente de guerra que apreciasse a logística, certamente diria: — A Logística fornece a tela, o pincel e as tintas para que sejam pintados em vários matizes, os quadros estratégicos e táticos a serem emoldurados pelas belas concepções e pelos gestos de abnegação e de heroísmo.

A superioridade logística é fator decisivo para a vitória. E isto é flagrante, quando vemos o Exército Alemão, especialmente preparado para vencer, tornar-se impotente, face aos exércitos russos, desde o momento em que não pôde manter a superioridade logística da arrancada inicial.

A perda das Filipinas, pelos Estados Unidos, o desastre de Singapura, apesar dos esforços ingleses; o recuo do Japão, no Pacífico, diante do potencial crescente dos Aliados; a perda do norte da África pelos alemães e italianos e finalmente o desmoronamento da muralha atlântica, na Europa, nada mais são que o resultado do desequilíbrio logístico entre os contendores.

Enquanto de um lado, as forças vivas de várias nações eram feridas de morte pela ação decisiva de uma guerra econômica sem quartel, os parques industriais e o potencial humano dos sitiantes crescia e se aprimorava incessantemente, em todos os ramos das atividades guerreiras.

II — RAPIDO RETROSPECTO HISTÓRICO

O apoio logístico, na antiguidade, não tinha profundidade muito além da retaguarda dos exércitos.

A vida da tropa estribava-se naquilo que transportava com os meios existentes e o que podia ser reunido por efeito dos recursos locais, sob o aspecto de pilhagem.

No ano 382 A.C., Epaminondas utilizou, pela primeira vez, o sistema de requisições, em país inimigo, pondo de lado o hábito de lançar

mão do alheio, violenta e arbitrariamente.

Gustavo Adolfo — Rei da Suécia, já no Século XVII, reestruturando as suas forças, imprimiu uma característica mais moderna à sua organização, criando os trens, sob a proteção de escolta especial e disciplinada, suprindo os bandos irregulares que acompanhavam os exércitos em operações. Estabeleceu o alojamento regular e cuidou da alimentação e dos uniformes. Separou Armas e Serviços e entre aqueles determinou a sua proporcionalidade.

Frederico II — "O Grande" — Rei da Prússia, no Século XVIII, criou o Estado-Maior, cujos traços gerais perduram até nossos dias.

Napoleão — Já foi além, instituindo o trem da Artilharia para atender às necessidades dessa arma; criando parques de engenharia e transportes administrativos e para cultivar o alto moral da tropa, estabeleceu a "Legião de Honra".

Ao assumir o comando das tropas francesas na Itália, em sua primeira missão, naquelas passagens encontrou-as mal vestidas, mal alimentadas e irregularmente pagas, quase sem munição, entregues a uma pilhagem organizada e sistemática, diante das privações que a isso obrigavam.

Seu eixo de suprimento — Marselha-Nice, estava ameaçado pela esquadra inglesa e pelas tropas de Piemonte. E para preparar seu exército, com o fim de fazer frente aos austríacos e piemonteses, teve que explorar os sentimentos de honra e de coragem, fatores morais indispensáveis ao soerguimento de seus homens, para antepô-los aos fatores físicos desmoralizantes e comprometedores da eficiência e do poder combativo do seu exército.

É, numa inversão dos princípios logísticos, apelou para o moral, em busca dos recursos materiais, abundantes e certos nas planícies férteis do vale do Pô. — "Ali, encontram-se cidades e ricas províncias, a honra, a glória e a fortuna".

E todo o exército pressuroso, desceu das montanhas, na conquista de um apoio logístico que não vindo

da ret...
seus ol...
prevista...
im fisio...
operaçõ...

Já na...
1812, ap...
minim...
vessia d...
seus arr...
tabelece...
rições p...
não cont...
ção da c...
ação da...
devastad...
gua de e...
de toda...
chegar a...
nho de s...

E, em...
trada, ac...
roupas d...
frente est...
oculos e...
tido pela...
copazes d...
tura às...
pois, de...
rapidos e...
esperar, se...
heróicas e...
colmais e...
cunho de s...

O seu a...
invenível...
arremetida...
ligasse os...
tuidasse d...
pensável a...
vulto, caindo...
moscovita...
lendas a ce...
denté adver...
riar do gra...
pê-lhe derr...
agrupado e...
do, o russo r...
mas mais ta...
na tística e l...
direito do...

Ap campa...
Sil, de 1852...
p a logístic...
esto empré...
de de parc...
tudo para...
parceiras da...

da retaguarda, apresentava-se a seus olhos, como uma dádiva imprevista e indispensável ao seu valor físico e ao prosseguimento das operações.

Já na campanha da Rússia, em 1812, apesar de sua vitoriosa e fulminante arremetida, após a travessia do Niemen e instalação dos seus armazéns, em Wilna, onde estabeleceu a sua nova base de operações para a conquista de Moscou, não contou Napoleão com a extensão da campanha que o colocou sob a ação das intempéries e face à terra devastada pelos incêndios, à falta de equipamento e de recursos de toda espécie que só poderiam chegar através de longo e difícil eixo de suprimento.

E, em pouco, empreendia a retirada, acossado pelo inverno e sem roupas de agasalho; tendo à sua frente estradas infundáveis e sem cavalos e meios de transporte; atacado pela retaguarda e sem forças capazes de opor resistência protetora às suas colunas derrotadas pois, de homens famintos, esfarapados e estropiados, nada podia esperar, senão o desespero de ações heróicas e isoladas, o sacrifício de animais e armamento e o enquiamento de sua tropa.

O seu aodamento de guerreiro invencível e a impetuosidade de sua arremetida, fizeram com que mal julgasse os fatores adversos e descurasse do apóio logístico indispensável a operação de tamanho vulto, caindo na armadilha manhoira moscovita que tendo grandes extensões a ceder, levou o seu imprudente adversário ao abraço tentacular do grande polvo, para infringir-lhe derrota irreparável. Bem equipado e arditosamente preparado, o russo ressurgiu cento e muitos anos mais tarde para usar da mesma tática e levar à debacle o melhor exército do mundo.

As campanhas na América do Sul, de 1852 em diante no que tange à logística, esboçaram um modelo deste emprêgo dos Serviços, dotados de parques e rudimentares recursos para o vulto das atividades guerreiras da época.

O Exército de Rosas, constituído pelas três armas — Infantaria, Cavalaria e Artilharia, dispunha dos Serviços de Saúde, Intendência e Material Bélico. São interessantes algumas particularidades de sua organização.

No Serviço de Saúde só os médicos tinham organização. O material era deficiente.

Em cada Companhia, em linha, havia médicos e medicamentos mais indispensáveis.

Os instrumentos de cirurgia corriam por conta dos facultativos.

O Serviço de Intendência tinha a seu cargo a confecção do fardamento e do equipamento. As tropas em campanha viviam dos recursos locais, pelo sistema de apropriação e a alimentação era exclusivamente de carne, com base nos rebanhos numerosos da região.

Os animais alimentavam-se exclusivamente de capim. Não havia suprimento de gêneros alimentícios e forragens e muito menos depósitos ou armazéns.

O Serviço de Material Bélico dispunha de oficiais de fabricação e reparação. As carretas de bois transportavam munições para artilharia e demais armas.

O Exército de Carias apresentava uma organização mais completa, dispondo de um Estado-Maior composto de:

- Chefe do E.M.;
- Ajudância Geral cujas funções correspondiam as das 2ª e 3ª Seccões, atualmente;
- Quartel Mestre com atribuições hoje desempenhadas pelas 1ª e 4ª Seccões.

Dispunha mais de 4 armas — Infantaria, Cavalaria, Artilharia e Engenharia e dos Serviços de:

Material Bélico e Saúde: este contava com ambulâncias, farmácias, laboratórios, cirurgiões e hospitais, com as deficiências próprias da época e da falta de organização prévia.

Serviço de Intendência não existia, no entanto o fardamento e o equipamento, inicialmente confeccionados por oficinas pertencentes aos corpos ou civis das localidades

ocupadas, passaram mais tarde a serem fornecidos por um Conselho Administrativo com sede em Pôrto Alegre.

Os gêneros alimentícios eram fornecidos pelo Comissariado, composto de elementos civis. Os saques e requisições não se verificavam porque a propriedade foi considerada inviolável. Os transportes foram organizados, graças à criação de uma Companhia de Transportes que se encarregou de Combóio de Exército, constituído de uma centena de carretas e quatro centenas de cargueiros para o transporte de munições, víveres, fardamento, armamento e bagagens individuais.

A Guerra do Paraguai encontrou o Exército desprovido dos Serviços indispensáveis à sua vida e combate e sem o apoio da retaguarda exigido para qualquer operação, máxime em território extra nacional.

E isso é tanto mais chocante quando vemos Osório manobrando a vaidade e a esperteza de Urquiza, no sentido de constituir Base de Operações em Entre-Rios e Corrientes para a invasão do Paraguai.

Urquiza que monopolizava o comércio dessas províncias foi elevado à categoria de "Zona de Administração"... uma vez que, só desse modo poderia o Exército brasileiro sustentar a luta até o coraço do Paraguai, carregando para o Prata as nossas mínguas economias "cornucópia que enriquecera formidavelmente a República Argentina e foi a base de sua riqueza atual", no dizer de historiador ilustre.

A Guerra do Paraguai, no quadro geral das lutas de nossas armas, se foi um esforço hercúleo a campo aberto aos gestos de sacrifício e de heroísmo, de ações táticas e mesmo estratégicas de renomada habilidade e de reconhecida competência, no terreno da logística foi a improvisação e o tatear constante em meio das deficiências, do desconhecimento de princípios básicos de apoio a tropas combatentes,

da inexistência de preparação do país para a guerra.

A incipiente organização dos Serviços inerentes à tropa e às G. U., a quase total desorganização da retaguarda; a falta de comunicações e de transportes; a inexistência de parque industrial capaz de alimentar a luta, fazem da Guerra do Paraguai um feito heróico e cheio de bravura, no terreno da tática, mas constitui uma aberração chocante, nos domínios da logística.

Se apreciarmos fatos isolados como na segunda marcha de flanco em que Argolo, empenhou a tropa de seu 2º Grupo na construção de 11 km de estrada, sob a direção do Ten.-Cel. Rufino Galvão, da arma científica, para tomar o inimigo pela retaguarda, esse acontecimento memorável ao revelar o valor de nossos chefes, e a fibra de nossos soldados, caracterizou bem a falta de uma organização de apoio compatível com os imprevistos de uma campanha.

A glorificação de Camisão e a página épica da Retirada da Laguna, preciso é que se diga, não excluem a evidência de um suicídio programado quando não havia efetivos apropriados, e serviços assegurados; não existia um eixo de suprimento que alimentasse a progressão, nem meios de transporte para vencer tão grandes distâncias, não tinha a coluna como se comunicam com a retaguarda; não foi possível encontrar recursos locais, pois, a quemada fazia desaparecer os alimentos e a evacuação do gado, não permitia o carrear de bois.

E, depois de quase 200 km de progressão, veio, como, não se podia deixar de esperar, o retorno à fronteira "prelúdio duma epopéia de coragem silenciosa e de sacrifício", como nos diz a História.

Foi uma reprodução, em escala bem reduzida, da que citamos a pouco e que pôs por terra o poderio de Napoleão.

Se Laguna, foi um marco de heroísmo, de pertinácia e de despreendimento, após uma aventura mal sucedida, constituiu no terreno logis-

lico, um passo dado, ao encontro da morte inexorável.

A primeira grande guerra marcou o início da *Era Logística*.

Grandes efetivos, vastos e diversos campos de batalha e teatros de operações; variedade e quantidade de armamento, munições, gases e veículos de combate e de transporte; populações inteiras empenhadas na luta, produzindo material e alimentos e sujeitas às ações de guerra; aviões e dirigíveis como participantes, na terceira dimensão; todo esse conjunto de circunstâncias, constituiu uma nova época, uma grande evolução, um acontecimento singular, que veio marcar a *Era Logística*.

A diversificação de necessidades de funções e de emprego do material, impôs a compartimentação das atividades, surgindo de modo inevitável — a especialização.

Se no campo tático os combatentes foram separados por armas, como imposição ao melhor emprego dos meios em busca de resultado mais objetivo, no terreno logístico, o apoio às Unidades e Grandes Unidades combatentes obrigou o surgimento dos diversos Serviços e a organização das fontes de produção, para sustentar efetivos numerosos e fabricar o material variado que armou as tropas empenhadas.

Inegavelmente, foi o Exército Francês que melhor fonte de ensinamentos reuniu, graças a sua organização, a sua experiência e a inteligência criadora de seus componentes.

A história não havia registrado um acontecimento guerreiro de tamanhas proporções e nunca, forças tão numerosas se haviam defrontado e no caso particular dos exércitos alemães e franceses, nunca antagonistas se haviam apresentado com uma formação tão semelhante, embora a serviço de doutrinas diferentes.

Napoleão já dizia que a tática variava em cada período de 10 anos.

Na estratégia como na tática, uma parte evolui lentamente, é a doutrina que contém a própria essência da guerra.

Outra parte transforma-se com os meios, com o terreno e as condições climáticas; são os processos de combate, é a manobra.

A estratégia de 1918 lançou mão do automóvel, das estradas de ferro, da telegrafia com e sem fio e empregou grandes efetivos em espaços relativamente restritos, e a tática, lançando mão de armamentos diversos, tanques, gases asfixiantes, aviões, dirigíveis e fortes organizações do terreno, criou novos matizes nos campos de peleja. Dessa maneira, as ações distanciaram-se, na forma e na potencialidade, daquelas que caracterizaram as lutas anteriores.

Os anos de 1915 a 1918 caracterizaram-se por um aumento considerável do material, quer na sua diversificação, quer na sua quantidade.

Foi a ação da logística, a serviço da estratégia e da tática, fabricando novos engenhos, novos veículos de combate e empilhando de modo surpreendente, munições de vários tipos e diversos calibres.

As armas de fogo tomaram definitivamente o lugar das armas de choque, nos campos de batalha.

E, sendo a guerra a luta entre duas vontades, para que uma dessas vontades supere a do adversário, necessário se torna que o potencial logístico no que tange a homens, materiais e utilidades, penda para um dos contendores.

Outra característica interessante das lutas modernas em contraposição às antigas, está na segurança, a todo custo, dos êxtros de suprimento que, mesmo na época napoleônica, com suas profundas incursões, deixava muito a desejar. Era uma situação decorrente dos meios, pois os adversários não dispunham dos recursos indispensáveis, em quantidade e com a velocidade necessárias a manobra de grande envergadura.

Hoje, reconhecendo-se a necessidade indeclinável do fator logístico, a cobertura dos cordões umbelicais constitui problema capital dos comandos e das forças em operações, pois, que, o perigo é tanto oriundo da terra como dos céus.

A concepção moderna de *Nação em Armas* e de *Guerra Total* levam os povos a formarem, com toda a sua pujança, à retaguarda dos Teatros de Operações e a se confundirem com o poder militar nacional.

Na guerra de 14 como na de 39, Exército e Nação confundiram-se num todo indivisível, e a luta desenvolveu-se em função dos fatores político, físico, moral e intelectual. Venceu quem mais produziu, quem mais abateu o moral alheio, quem mais atingiu e desmorvou a retaguarda adversária.

Saiu-se da I Guerra Mundial e entrou-se na II, com a nitida compreensão do valor da organização nacional, da constituição das forças combatentes e da necessidade do apoio logístico aos Exércitos em luta, com sua origem na Zona do Interior e através das Zonas de Exército até às G. U. combatentes.

Os vários Serviços técnicos, de Material Bélico, Saúde, Intendência, Transmissões e Transportes tiveram o seu desenvolvimento e a 4ª Seção foi uma necessidade que a imposição das ações logísticas vultosas, fez surgir nos Estados-Maiores dos diversos escalões. Isso não impediu que grandes nações arrastadas à luta da II Grande Guerra, fossem surpreendidas pela desorganização imprevidente de suas forças militares, pela dissociação política nas lides internacionais e nos campos das atividades internas, pela desorganização de suas fontes de produção, no que tange à sua mobilização econômica e em particular à sua mobilização industrial.

A luta contra um adversário que não se prepara para a guerra, mas sim para uma determinada guerra, foi uma advertência irreparável que exigiu sacrifícios hercúleos e sobre-humanos, no cômputo geral das múltiplas atividades guerreiras.

A II Guerra Mundial foi no terreno estratégico e tático e em particular no terreno logístico, qualquer coisa de surpreendente.

A mobilidade extraordinária dos exércitos, graças à motomecanização empregada em larga escala; a utilização devastadora da avia-

ção, sem limites de ação, no sentido das três dimensões; a eficiência e a plethora de armamentos e munições, que tornaram o homem um requintado distribuidor da morte, assim como um elemento extraordinariamente vulnerável; o aperfeiçoamento surpreendente das transmissões como arma eficiente de Comando; a potencialidade indiscritível das fontes de produção e finalmente a dívida incomparável da inteligência humana.

Todos esses fatores, num conjunto verdadeiramente admirável, tornaram a luta que findou em maio de 45, o mais extraordinário fato histórico no campo internacional dos interesses humanos.

A situação atual decorre da experiência do último conflito. Dois partidos antagonicos, pelas suas concepções filosóficas, políticas e econômicas, disputam a sobrevivência e a hegemonia.

Dizem os prognósticos e a história é infalível, mais cedo ou mais tarde resolverão, pelas armas, a sua contenda e arrastarão, ao torvelim de sua luta, o mundo ainda não refeito das agruras porque passou.

Enquanto a política prepara as opiniões e arma o cenário mundial para o grande espetáculo aterrador, a economia dispõe os recursos, forja os agentes agressores em cujo extremo, está como máxima concepção — a bomba atômica.

Nessa gigantesca preparação material vemos dois núcleos distintos. Um, liderando a produção de armas mais modernas e utilidades várias e alinhando os seus recursos para um maior esforço no campo industrial e científico. É senhor da superioridade qualitativa e tem possibilidades comprovadas quanto ao rendimento de seu vastíssimo parque industrial. Outro, esforçando-se por uma perfeição ainda não atingida, prepara a maior máquina guerreira de todos os tempos sob uma única bandeira, valendo-se de uma indústria já existente e ampliada além dos recursos transferidos de outros países, e, por isso mesmo, longe de constituir um todo homogêneo e tecnicamente organizado, para ombrear com a corrent

antagônica. É detentor da superioridade quantitativa em homens e material.

No caso, devemos salientar apenas o trabalho logístico dos contendores, no equipamento de suas forças e na preparação do país para suportar o esforço de possível choque armado.

E o deflagrar da peleja, após o esgrimir já longo e fatigante da guerra-fria, marcará o fim da preparação logística, de cuja dependência, no campo militar como no terreno das realizações civis, estarão todas as obras de fôlego que têm de suportar a prova da experimentação através do tempo.

Como *Primeira Conclusão* de tudo que atrás nos foi dado apontar:

1. Nas lutas do passado e mesmo nos primórdios da Era Napoleônica, as preocupações logísticas não iam do equipamento das forças para o arranco inicial. Viviam-se o presente; e o futuro guiava os passos dos Exércitos, quase sempre, pela esperança dos recursos a encontrar;

2. A falta do transporte adequado concorria para essa circunstância, pois a inexistência de estradas razoáveis e de veículos apropriados, as impedimenta reduziam-se ao estritamente indispensável;

3. O apóio que poderia ser proporcionado pela retaguarda, aos Exércitos em luta, tornava-se impossível pelas vastíssimas distâncias nas quais as forças operavam;

4. Os longos eixos de suprimento, quando existiam, eram constituídos por longas e precárias estradas sujeitas à insegurança e às intempéries;

5. Os Exércitos empenhados não tiveram o concurso do país organizado para o seu devido apóio e por isso as campanhas alheavam-se da vida nacional só despertada pelos hinos da vitória ou pelo fardo pesado da derrota. Somente a França, em 1870, deu o primeiro exemplo dessa concepção;

6. A noção de guerra total e de nação em armas foi uma decorrên-

cia dos progressos da aeronáutica e do alcance dos canhões, com a proximidade dos campos de luta e o instinto comum de defesa e sobrevivência;

7. A doutrina evoluiu lentamente, enquanto a estratégia e a tática variam com as inevitáveis realizações logísticas, a serviço dos empreendimentos científicos;

8. Para Clausewitz, assim como Von Bulow, a arte da guerra compreendia duas partes — a estratégia e a tática — e hoje, temos que acrescer a esse dois ramos a logística, na qual se alicerçam as realizações da arte militar;

9. A cada plano estratégico ou tático deve corresponder um plano logístico para torná-los realizáveis;

10. A vitória só é possível a quem dispuser de superioridade logística, tanto em sua qualidade como em sua quantidade, desde que a serviço de Exércitos imbuídos de sãos e nobres fatores morais;

11. As ações estratégicas, ou táticas, por melhores que sejam idealizadas, sofrerão, no presente, as drásticas sanções da logística e se transformarão obrigatoriamente para que se possam tornar uma realidade;

12. Disse o General Eisenhower "ao traçar a estratégia das operações no Noroeste da Europa, a logística desempenhou um papel mais importante e vital que o fator político. Esse ramo da ciência militar é de grande importância na guerra moderna a quem se deve conceder prioridade em cada uma das fases de planejamento e execução das operações de guerra";

13. A guerra moderna exige enormes quantidades de homens e petréchos cujo transporte e distribuição devem constituir séria preocupação, em todas as fases da operação;

14. No mundo atual de insinceridades e incertezas repetimos as palavras de Ludendorff "o ramo de oliveira não é defesa contra a espada que deve ser empunhada com firmeza e conservada sempre afiada".

A ARTE DE COMER

O HISTORIADOR FUTURO, ao estudar os problemas alimentares brasileiros, chegará inevitavelmente a dois ciclos fundamentais: antes e depois do S.A.P.S., isto é, ao reconhecimento da verdade inconteste de que se agora nosso povo começa a se libertar dos erros e fetiche que faziam da dietética um amontoado de absurdos.

Essa obra desbravadora coube inegavelmente ao S.A.P.S. e aos seus técnicos, porque até então o conhecimento dos preceitos da boa alimentação era exclusivo dos doutos, justamente das classes menos necessitadas, porque naturalmente o problema possui sólidos fundamentos econômicos, condicionada como é a questão alimentar à capacidade aquisitiva do povo.

O S.A.P.S. veio exatamente preencher essa lacuna, isto é, fixar e divulgar a técnica alimentar, para que, dentro dos salários, possam os trabalhadores tirar o máximo rendimento nutritivo, abandonando velhos e arraigados vícios da arte de comer, cedendo à gula em vez de acatar os imperativos das necessidades orgânicas. Nesta obra de excepcional sentido social, o S.A.P.S. merece irrestritos encômios, por que os trabalhadores, até agora abandonados, encontram, aliadas, na divulgação e nos restaurantes populares, a doutrina e a prática, o ensinamento teórico e o cardápio orientador.

Hoje, constitui espetáculo confortador ver-se a preferência dos profissionais pelos restaurantes do S.A.P.S., cujo funcionamento modelar mereceu louvores entusiásticos dos peritos da F.A.O., órgão da O.N.U. destinado exclusivamente ao estudo da alimentação no mundo. Confessaram esses ilustres visitantes não conhecer, em nenhum país, obra oficial que se lhe compare.

A repercussão do esforço pioneiro do S.A.P.S. foi surpreendente e hoje até na Câmara dos Deputados existe um restaurante-padrão, a par de numerosos outros, disseminados por diversas repartições, autarquias, fábricas e estabelecimentos da iniciativa privada. Bastaria esse fato para atestar o êxito da campanha do S.A.P.S., se não houvesse a comprovação patente deste sucesso no levantamento qualitativo dos cardápios domésticos entre as classes trabalhadoras.

A arte de comer — que antigamente constituía regalo sábarita — hoje se consolida como relevante problema social, graças a seus aspectos eugênicos e seu inegável sentido social e econômico, porque o regime alimentar é decisivo no rendimento profissional dos trabalhadores.

Graças ao seu bem elaborado programa de divulgação, que vem executando com êxito em todo o território nacional, o S.A.P.S. realiza um esforço notável, no sentido de ensinar o povo a alimentar-se convenientemente, de acôrdo com os mais modernos preceitos da ciência da nutrição. As provas são em verdade, concludentes e hoje grande simpatia popular cerca o S.A.P.S. e seus restaurantes, feitos para o povo e pelo o bem do povo.

Longe vai o tempo em que os nossos operários e artífices comiam para matar a fome, porque, felizmente, já existe o que poderíamos denominar consciência alimentar, que se traduz na aferição dos valores nutritivos dos pratos e dos manjares e na preferência pelas vitaminas, isto é, a qualidade em vez de quantidade.

Bem haja, pois, o S.A.P.S. pelo muito que vem fazendo em prol dos brasileiros e do Brasil.

As co
da no
havia p
desejo
gerais.

A esc
que se
de algu
equipa
sente
combr
titem

Toda
ca da
norma
des pr
lido e
salora
crona

No ta
se fôr
parada
tura
supl
tu
para o
quiro
rte ab
sique
tover,
mentos

Por o
tipos
e emb
sem no
bre do
idade
tudo q
na pol
estima
um m